

TEMPORADA
DE ACIDENTES

TEMPORADA DE ACIDENTES

MOÏRA FOWLEY-DOYLE

TRADUÇÃO DE AMANDA MOURA



Copyright © 2015, by Moira Fowley-Doyle
Publicado originalmente como “The Accident Season” por Random House
Children’s Publishers, Londres, parte da Random House Group.
O direito moral da autora foi assegurado.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Accident Season

PREPARAÇÃO
Ângelo Lessa

REVISÃO
Rayana Faria
Marcela de Oliveira

IMAGEM DE CAPA
© Mark Owen/Archangel

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Diana Cordeiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F862t

Fowley-Doyle, Moira
 Temporada de acidentes / Moira Fowley-Doyle ; tradução Amanda
Moura. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
256 p. ; 21 cm.

Tradução de: Accident Season
ISBN 978-85-8057-894-2

1. Ficção irlandesa. I. Moura, Amanda. II. Título.

15-29286

CDD: 828.99153

CDU: 821.111(41)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha família —
principalmente Claire

*Então, brindemos à temporada de acidentes,
Ao rio que corre sob nossos pés, onde naufragamos nossas almas,
Aos hematomas e aos segredos, aos fantasmas no sótão,
Mais um brinde à estrada de água.*

Quando escutei Bea entoar essas palavras, foi como se insetos rastejassem pela minha coluna, preparando-se para me transformar. Meu corpo se partiria e dobraria, e eu me tornaria outra pessoa. Nossas têmeoras estavam suadas debaixo das máscaras, mas não as tiramos. Era como se tivessem se fundido à nossa pele.

A fogueira crepitava no cômodo, e os arcos acima das portas sussurravam. Não faço ideia de como eu sabia que Sam estava de olhos fechados e que Alice sentia câimbras na lateral do corpo. Eu só sabia que eu era todo mundo. Eu era Alice com a boca entreaberta, talvez por entusiasmo ou por medo; eu era Sam com os punhos cerrados; eu era Bea oscilando à nossa frente, com o vestido vermelho ensopado de suor; e era eu mesma, Cara, com a sensação de que meu corpo não pertencia mais a mim. Os pés de Bea batiam no piso de madeira de forma ritmada. Suas palavras começaram a soar mais altas. Logo todos estávamos nos movimentando, e isso fez o chão tremer. O vinho voou das nossas taças e se espalhou como se fosse sangue.

Ao dançarmos ao redor do fogo no que sobrara do quarto principal, acordamos alguma coisa. Talvez tenha sido algo

dentro de nós; a força misteriosa que liga cada osso da nossa coluna ou que mantém os dentes presos à gengiva. Talvez tenha sido algo no quarto, alguma coisa no ar ou nas chamas que nos rodeavam. Ou talvez fosse a própria casa; os fantasmas nas paredes, as lembranças por trás das portas trancadas ou as histórias entre as rachaduras do assoalho. Estávamos prestes a nos despedaçar, a ser serrados ao meio para reaparecermos inteiros no final do ato. Íamos desviar do punhal do atirador de facas e nos lançar na mais grandiosa das viagens. Naquela casa mal-assombrada, durante os últimos dias da temporada de acidentes, a morte jamais nos alcançaria.

1 .

Elsie está em todas as minhas fotos. Sei disso porque olhei todas as fotos tiradas com a minha família nos últimos dezessete anos, e ela sempre aparece.

Só percebi isso ontem à noite, enquanto apagava quase seis meses de fotos do meu celular. Elsie no vestiário, durante o almoço. E nas excursões da escola, quase fora de enquadramento. E em todas as apresentações de teatro. Pensei: *Nossa, que coincidência! Elsie aparece em todas as minhas fotos.* Então segui um palpite e vasculhei todas as que tinha no computador. E as que coleei nos diários. E os álbuns de família. Ela está em todas.

Nas festas de aniversário, Elsie dá as costas para a câmera. Ela participa das viagens de férias em família e dos passeios na praia. Deixa vestígios até nas janelas e nos espelhos ao fundo das fotos tiradas em casa: um cotovelo aqui, um tornozelo ali, uma mecha de cabelo.

Será que existem mesmo coincidências? Coincidências assim *tão grandes?*

Elsie não é minha amiga. Na verdade, não é amiga de ninguém. É só aquela garota que fala muito baixo e está sempre por perto, que meio que era minha amiga quando eu tinha oito anos e meu pai havia acabado de morrer, mas que foi deixada de lado junto com as bonecas de pano, os jogos de chá e outras relíquias da infância.

Salvei no celular um bom número de fotos — setenta e duas, para ser exata — tiradas nos últimos anos para mostrar a Bea antes da aula. Quero perguntar se ela acha que tem algo muito estranho acontecendo ou se o mundo é *realmente* pequeno a ponto de a mesma pessoa aparecer em todas as fotos de alguém.

Ainda não mostrei as fotos a Sam. Não sei por quê.

Nas mais antigas, minha casa parece a de um desenho animado: não há carros na entrada da garagem, as cortinas coloridas nas janelas têm o formato de ampulhetas e uma nuvem esbranquiçada de fumaça sobe pela chaminé como algodão-doce. E lá estou eu, com sete anos, brincando de pique-bandeira com Alice na rua em frente à nossa casa. E, no canto da foto, uma perna, a bainha da saia xadrez e a ponta do sapato marrom sóbrio que Elsie sempre usa.

Essas fotos foram tiradas há dez anos; hoje de manhã não há nuvens de algodão-doce subindo pela chaminé, e as cortinas em formato de ampulheta na janela da sala emolduram a imagem de minha mãe se equilibrando em uma das pernas enquanto tenta calçar a bota. Lá fora, Alice bate o pé com impaciência. Ela vai até a janela e dá batidinhas no vidro, apressando nossa mãe. Do corredor, ouço Sam dar uma risada, invisível nas sombras, já que o sol da manhã só ilumina até a porta da frente. Enfio as mãos ainda mais fundo nos bolsos e olho para cima. Vejo alguns filetes de nuvens passando pelo céu enquanto me apoio no carro.

Alice é minha irmã. Ela é um ano mais velha e um milhão de anos mais esperta, ou pelo menos é nisso que gosta de acreditar (e talvez esteja certa; como vou saber, se me acho uma tapada?). Sam é meu ex-irmão postiço, o que é meio bizarro de se dizer, mas, como nossos pais se separaram, tecnicamente ele não é mais meu irmão. O pai dele era casado com minha mãe, até que desapareceu, quatro anos atrás. Fugiu com uma bioantropóloga e

agora se dedica a estudar os gibões nas florestas tropicais de Bor-néu. Faz sete anos que Sam mora conosco, então, para todos os efeitos, suponho que ele seja meu irmão, mas, acima de tudo, ele é apenas Sam, um garoto alto nas sombras do corredor, o cabelo preto caindo nos olhos.

Sabendo que vai levar um tempinho até todo mundo entrar no carro, tiro as mãos do bolso e pego o celular de novo. Passo as fotos pela terceira vez só esta manhã e volto a brincar de “Onde está Elsie?”, como nos livros *Onde está Wally?*.

Não tinha percebido que Elsie parece sempre preocupada. Em todas as fotos está com a testa franzida e fazendo bico. Até seu cabelo demonstra preocupação, quando ela está de costas. É incrível. Como deve ser meu cabelo quando estou de costas? Não vejo minha nuca com muita frequência; ao contrário de Elsie, faço pose e sorrio quando vou tirar uma foto.

Quando Alice está de costas (por exemplo, agora, enquanto bate na janela da sala pela vigésima vez para apressar nossa mãe, que esqueceu alguma coisa — o celular, a bolsa, a cabeça — e subiu para buscar), o cabelo dela parece sério. Ela pinta de um louro dois tons mais claro que o natural, e a raiz está sempre retocada, os fios perfeitamente esticados e presos em um coque firme com auxílio de grampos e um par de palitinhos. O cabelo de Alice é intimidador.

O cabelo da minha mãe é roxo. As mechas onduladas caem pelos ombros enquanto ela dirige e balançam quando ela mexe a cabeça. Alguns fios grudam no brilho labial, e ela os assopra enquanto fala. Hoje, ela pintou as unhas da mesma cor. Em outra época do ano, durante o trajeto para a escola, ela estaria com o braço apoiado no banco do carona para falar com Alice, ou ajeitando o cabelo, ou lambendo a ponta do dedo para tirar o excesso de sombra dos olhos, ou bebendo café de um copo térmico com a

mesma vontade que um fumante traga um cigarro. Mas estamos quase no fim de outubro, e Alice caiu da escada ontem à noite, então minha mãe segura o volante com tanta força que os nós dos dedos ficam esbranquiçados, contrastando com o roxo das unhas, e não tira os olhos da rua. Ela preferiria não fazer o trajeto de carro, mas tem certeza de que caminhar seria mais arriscado.

— Como está a cabeça, querida? — pergunta a Alice.

É a trigésima segunda vez que ela pergunta isso só hoje (e a octogésima nona desde que voltamos do hospital, ontem). Sam faz outro risco na mão com a caneta vermelha. Toda vez que minha mãe faz essa pergunta, Alice responde comprimindo os lábios.

Sam se inclina para a frente e sussurra em meu ouvido:

— Aposto dez euros que Alice vai gritar antes da centésima vez.

Firmamos a aposta com um aperto de mão. A mão de Sam é firme e quente. Torço para Alice não dar um escândalo antes de chegarmos à escola.

— Vocês estão de luvas, não estão? — pergunta minha mãe.

— E, Sam, vou escrever um bilhete pedindo para você ser dispensado da aula de química. Estão bem agasalhados? Tomaram as vitaminas?

— Claro, Melanie — responde Sam.

Ele sorri para mim. Alice não vai aguentar ficar de boca calada depois dessa enxurrada de perguntas. Minha mãe arrisca mais uma espiadinha na direção dela antes de voltar a olhar depressa para a pista. Com cuidado, Alice enrola uma echarpe de seda na cabeça para esconder o curativo. Ela passou delineador nos olhos para fazer com que o hematoma na bochecha chame menos atenção. Parece uma cigana dos livros de histórias infantis, só que de uniforme escolar.

Chegamos ao último cruzamento. O cabelo da minha mãe balança descontroladamente enquanto ela tenta olhar para os dois lados ao mesmo tempo antes de seguir pelo tráfego ameno. Avançamos bem devagar, a passo de tartaruga. Os carros atrás do nosso buzizam.

Depois de estacionar, minha mãe alonga as mãos. Ela tira os óculos escuros e entrega um lanche embalado para cada um de nós.

— Vocês vão tomar cuidado, não vão? — pergunta, apertando de leve o ombro de Alice. — Como está a cabeça, querida?

Alice comprime mais os lábios, então solta um grito sem olhar para nossa mãe e sai correndo em direção ao prédio da escola. Afundo no banco.

— Passa a grana, maninha — zomba Sam.

Ao sairmos do carro, entrego a ele, de má vontade, uma nota de dez euros. Nós nos despedimos da minha mãe, que, devagar, dá a partida no carro e vai embora.

— Não sou sua irmã — retruco.

Sam passa o braço ao redor dos meus ombros.

— Se você diz, *petite sœur*...

Suspiro e balanço a cabeça.

— Eu sei que isso significa “irmã”, Sam. A gente está na mesma turma de francês.

Quando ele segue em direção a seu armário para pegar os livros da primeira aula, vou procurar minha melhor amiga.

Encontro Bea sentada nos fundos da biblioteca, com as cartas de tarô espalhadas na mesa. Ela tem o hábito de tirar as cartas todas as manhãs para saber como será o dia. Bea não gosta de ser pega desprevenida, então não vai se surpreender em saber que há um grupinho de alunos do primeiro ano sentado a algumas mesas de distância rindo e cochichando em sua direção, por isso nem

falo nada. Seja como for, acho que Bea é capaz de acabar com qualquer um deles só com o olhar.

Tiro um dos dois pares de luva das minhas mãos desconfortavelmente quentes (não está frio o suficiente para usar gorros e luvas, mas minha mãe não deixa a gente sair de casa sem eles), puxo a cadeira atrás de mim e a viro para me sentar de frente para Bea, do lado oposto da mesa. Apoio o queixo no encosto.

— Elsie está em todas as minhas fotos — comento.

Bea e eu olhamos automaticamente para a janela do outro lado da biblioteca. Em geral, a esta hora, Elsie já abriu a caixa de segredos. Os alunos mais novos são sempre os primeiros a se aproximarem da caixa, antes de o sinal tocar para formarmos a fila no pátio, de o inspetor abrir os vestiários e de a bibliotecária sair do escritório e mandar todo mundo ir para as salas. Eles aparecem, um de cada vez, escrevem seus segredos na máquina de escrever antiga de Elsie e saem da biblioteca cabisbaixos, fingindo que estão concentrados no que têm na mochila. A caixa de Elsie fica cada vez mais cheia de coisas que não podem ser ditas. Mas ela não está aqui hoje. Talvez esteja atrasada.

Bea olha para mim.

— Como assim?

Mostro as fotos para ela. Mostro o cabelo castanho-claro sem graça, os sapatos sóbrios e a testa franzida de Elsie.

Bea passa um bom tempo analisando cada foto, até que, por fim, ergue a cabeça.

— Cara, isso é...

Ela balança a cabeça.

— Um pouco mais estranho do que o normal?

Apoio a ponta dos dedos na testa e fecho os olhos. Bea acredita em tarô e acende velas para os fantasmas. Ela sempre fala

da magia que nos rodeia e acha graça quando nossos colegas de turma a chamam de bruxa. Mas isso é diferente.

Bea olha as fotos de novo, passando uma por uma, pressionando a tela para dar zoom.

— Você também acha bem estranho? — pergunto, com a mão na boca. — Ou acha que estou ficando louca? Por favor, não venha me dizer que são as duas coisas.

Bea não responde, apenas embaralha as cartas de tarô e as abre devagar na mesa. Ela observa as cartas, olha para mim, então se volta de novo para as cartas. Quando levanta a cabeça uma última vez para me encarar, percebo uma expressão que não vejo há muito tempo.

Ela nota o gorro de lã, o par de luvas que ainda não tirei, a legging grossa que uso junto com uma meia-calça por baixo da saia do uniforme, a tala no meu dedo, a munhequeira e o aroma suave de equinácea e ansiedade que me perseguem feito uma esquisita nuvem escura.

Bea suspira e assente; ela compreende.

É a temporada de acidentes: acontece todos os anos na mesma época. Um período em que ossos quebrados, cortes e hematomas são frequentes. Há alguns anos, minha mãe nos trancafiou em casa, cobriu as quinas dos móveis com espuma e gaze, nos enrolou em várias camadas de blusas e luvas e sumiu com os objetos cortantes e com o fogão. Passamos oito dias acampados na sala, até que a comida cuidadosamente encomendada pelo telefone — deixada na soleira da porta e levada para dentro com todo o cuidado pela minha mãe, que não tinha pensando em como esquentaria tudo sem fogão — nos causou intoxicação alimentar e passamos as vinte e quatro horas seguintes no hospital. Agora, todo outono estocamos ataduras e analgésicos. Resumindo: apertamos os cintos, pois sabemos que o pior está

por vir. Nunca saímos de casa sem pelo menos três camadas de roupa. Temos medo da temporada de acidentes. Temos medo da facilidade com que os acidentes se transformam em tragédias. Já passamos por muitas.

— Alice caiu da escada ontem à noite — comento. — Lá do alto. Na queda, bateu a cabeça no corrimão. Ela contou que o som foi como um tiro de filme, só que mais abafado.

— Meu Deus.

— Não tinha ninguém em casa. No hospital, disseram que ela sofreu uma concussão, então a gente precisava mantê-la acordada e caminhar com ela o máximo possível.

Bea arregala os olhos.

— Ela está bem?

— Está. Minha mãe não queria que a gente viesse para a escola hoje, mas Alice insistiu.

Tiro o gorro, balanço a cabeça e tento arrumar o cabelo. Ao contrário de Alice, eu não tinjo (nem sou loura natural como ela), e meu cabelo é curto demais para alisar, então os fios castanhos e curtos, que demoram uma eternidade para crescer, ficam sempre espetados quando uso gorro.

Bea põe as mãos em cima das minhas. O mindinho direito percorre a lã do gorro que estou segurando.

— Por que você não me ligou? — pergunta ela, e, em seguida, como se fosse responder à própria pergunta, volta a olhar para as cartas. Bea pigarreia, hesitante, mas, por fim, fala: — Acho... que essa temporada não vai terminar nada bem, Cara.

Ela tenta me olhar nos olhos, mas estou vidrada nas cartas em cima da mesa.

— Vai ser muito ruim? — pergunto, depois de um tempo.

Com delicadeza, Bea toca minha mão enluvada e responde de modo suave:

— Vai ser uma das piores.

Ela vira uma das cartas para mim, e vejo a imagem de uma pessoa deitada numa cama e sendo ferida com espadas. Um calafrio percorre meu corpo. Bato o joelho em uma das pernas da mesa e sinto uma dor aguda. Quando olho para baixo, vejo que a legging e a meia-calça foram rasgadas por um prego enorme preso à madeira e com a ponta exposta. O corte começa a sangrar. Sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

Bea se levanta e me abraça. Ela cheira a cigarro e incenso.

— Vai ficar tudo bem — sussurra. — Vou fazer de tudo para que nada aconteça com você. Prometo. Dá para mudar isso. E não acho que você esteja ficando louca. Vamos conversar com Elsie. Parece que ela não veio hoje, mas podemos procurá-la amanhã. Vai ficar tudo bem.

Engulo o pânico que começa a subir pela minha garganta e pego na mochila um pacote de lençinhos com estampa de pirata. Limpo o sangue da calça, tentando mexer o pulso o mínimo possível. Decido não lembrar Bea de que já está acontecendo, mesmo que eu só tenha me cortado com um prego e torcido o pulso ao sair do carro ontem à noite. É sempre assim: os acidentes acontecem e continuam acontecendo, piorando a cada dia. Olho de novo para o outro lado da biblioteca, onde geralmente fica a caixa de segredos de Elsie. A mesa vazia parece um sorriso banguela.